

Revista



← Notícias | Agricultura

Erradicação do moko da bananeira em área de terra firme exige vazio sanitário de dois anos

Doença é causada por bactéria quarentenária presente sob controle oficial, e é considerada uma das mais destrutivas dessa cultura

📅 07.10.2024 | 18:00 (UTC -3)

Maria José Tupinambá



Revista



Bananeira Moko *Ralstonia solanacearum*; foto: Luadir Gasparotto

Com base em resultados de pesquisa da Embrapa Amazônia Ocidental (AM) em parceria com Embrapa Roraima, cientistas recomendam o período de 24 meses para o vazão sanitário de bananeiras para a recomposição de áreas de terra firme afetadas pela murcha-bacteriana ou moko da bananeira. A doença é causada pela bactéria *Ralstonia solanacearum* raça 2, uma praga quarentenária presente sob controle oficial, que se encontra disseminada nos estados do Amapá, Amazonas, Roraima, Pará, Pernambuco, Rondônia e Sergipe.

O moko é uma das doenças mais destrutivas das bananeiras cultivadas em áreas de várzea da Região Amazônica, onde as inundações anuais são o ponto crucial para disseminação da bactéria, pois as águas das enchentes disseminam o patógeno ao longo dos rios, contaminando todos os plantios à jusante do bananal afetado.

Nos municípios de Tabatinga e Manicoré, no Amazonas, por exemplo, os plantios são afetados pela doença, pois estão estabelecidos nas áreas de várzea da calha do Alto Solimões e do Rio Madeira,

Revista

das enchentes disseminam a bactéria.



Moko *Ralstonia solanacearum* Bananeira; foto: Luadir Gasparotto

Nas áreas de terra firme, a bactéria se comporta como um patógeno transeunte do solo, pois sobrevive nesse ambiente por tempo limitado. Ela não resiste na ausência de resíduos da planta hospedeira e tampouco produz endósporos, que são estruturas de resistência que garantem a sua sobrevivência sob condições de estresse ambiental. Após o vazão sanitário de dois anos, pode-se plantar novamente bananeiras de mudas sadias no local.

Não há cultivares resistentes, e o controle químico também não funciona, porque a doença é vascular, informa os pesquisadores da Embrapa Luadir Gasparotto, Mirza Carla Normando e Daniel Schurt, no Comunicado Técnico 168 “Sobrevivência da bactéria *Ralstonia solanacearum* raça 2,” lançado este ano.

“Em áreas de terra firme, a doença só ocorre quando os produtores utilizam, no plantio, mudas contaminadas oriundas das várzeas. A

Revista

Como a disseminação de *R. solanacearum* raça 2 para as áreas de terra firme é antrópica (causada por ação humana), ela pode ser evitada com medidas de exclusão, ou seja, plantio de mudas sadias, desinfestação de máquinas e implementos utilizados no bananal doente e proibição do trânsito desordenado de veículos, de pessoas e de caixas usadas para transporte das bananas entre os plantios.



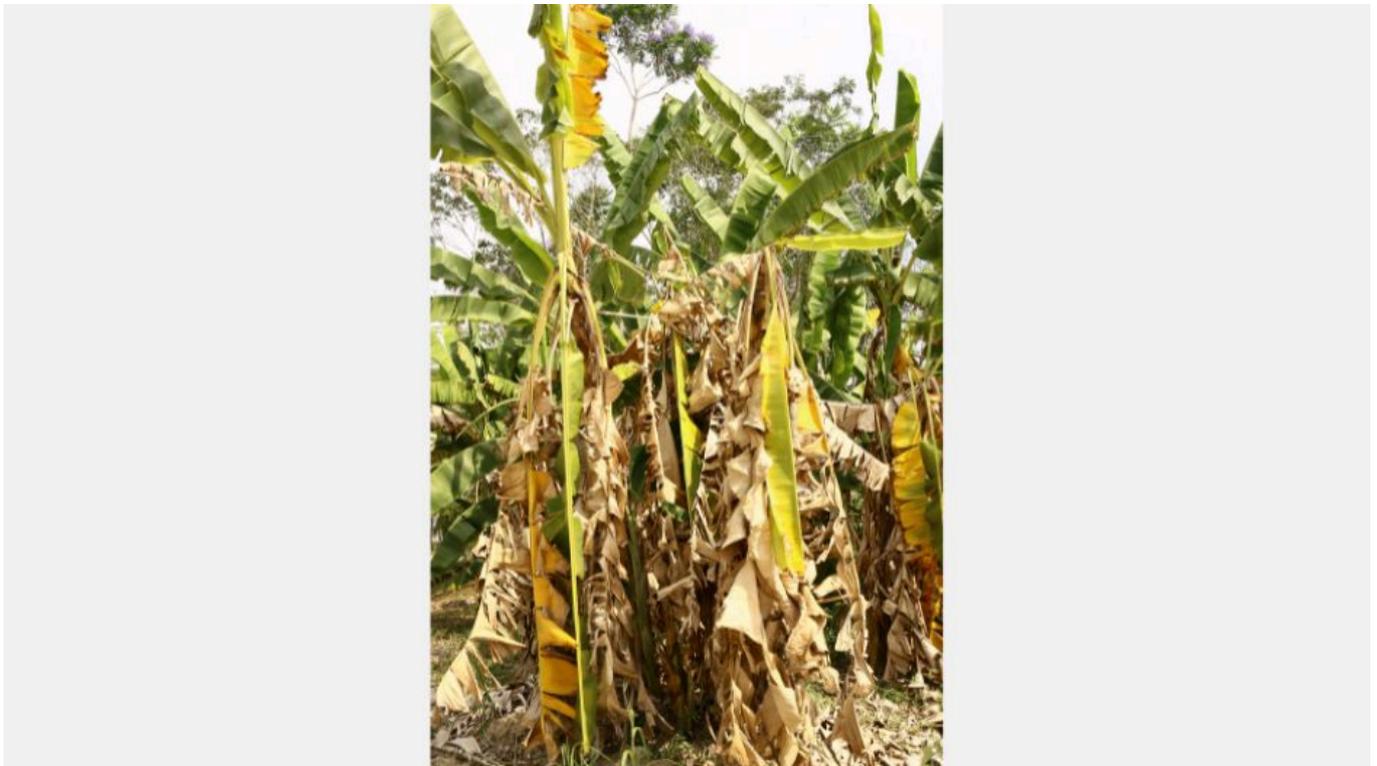
Moko *Ralstonia solanacearum*; foto: Luadir Gasparotto

Segundo a pesquisa, as medidas de erradicação apresentam bons resultados em plantios de banana em terra firme, mas, para recomendar a erradicação, foi importante definir o período de sobrevivência da bactéria no solo. Por isso, foi realizado um experimento por dois anos, na Embrapa, quando foi avaliada a sobrevivência de mudas de bananeira das cultivares Prata Anã e PV03-44, em solos infestados com a bactéria.

Como foi feito o experimento

Revista

chifre de cada cultivar. As avaliações consistiram na contagem mensal, durante 24 meses, de plantas mortas ou apresentando sintomas típicos do moko, como murcha das folhas e escurecimento de tecidos observados por meio de secções transversais do rizoma e do pseudocaule. “Os resultados obtidos indicam que a bactéria *R. solanacearum* raça 2 sobrevive em rizomas de bananeiras infectadas por até dez meses em solos do tipo Latossolo Amarelo e por até oito meses em solo do tipo Argissolo”, informa o pesquisador.



Bananeira afetada pelo Moko; foto: Siglia Souza

Para a erradicação da doença, é importante que todas as bananeiras sejam mortas. Os pesquisadores recomendam que não se deixe nenhuma planta viva. Após a morte de todas as bananeiras, é recomendável que a área seja cultivada com outras culturas, como macaxeira, mandioca, abacaxi, mamão e milho, durante pelo menos 24 meses. Nesse período, todos os resíduos orgânicos do bananal serão decompostos. Após o vazio sanitário, sem bananeiras, durante 24 meses, a mesma área poderá ser estabelecida com novo plantio

Como evitar a doença

1. Plantio de mudas comprovadamente sadias (certificadas).
2. Desinfestar ferramentas usadas nas operações de desbaste, corte do pseudocaule e colheita; imergindo o material nas soluções de formaldeído (1:3) ou água sanitária (1:2) após seu uso em cada planta.
3. Eliminação do coração da bananeira, assim que as pencas emergirem em variedades com brácteas caducas, visando impedir a transmissão pelos insetos, utilizando as mãos para quebrar a ráquis.
4. Deve-se realizar o controle das plantas daninhas com aplicação de herbicidas em substituição às capinas manuais ou mecânicas.
5. Recomenda-se em áreas de ocorrência do moko, realizar inspeção periódica do bananal, por pessoas bem treinadas, para a detecção precoce das plantas doentes



Revista

os seguintes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030: 2 (Fome zero e agricultura sustentável), 9 (Indústria, inovação e infraestrutura), 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), 12 (Consumo e produção sustentáveis), 15 (Vida terrestre) e 17 (Parcerias e meios de implementação).

Compartilhar**Newsletter Cultivar**

Receba por e-mail as últimas notícias sobre agricultura

SEU NOME	
SEU EMAIL	→